

**DOSSIÊ
CULTURA VISUAL 3**

Apresentação

Este dossiê ‘Cultura Visual – 3’ reúne abordagens muito diferenciadas. Colaboram pesquisadores de universidades de vários países, com temáticas e pontos de vista dos quais emergem reconfigurações dos conceitos de cultura visual, redefinição de métodos e meios de pesquisa. Da Espanha, região autónoma da Galícia, Universidade de Santiago de Compostela, Fernando Redondo traça o movimento do Novo Cinema Galego a partir do filme de *Eco* de Xacio Baño (2015) remetendo à uma representação por vezes emotiva e reflexiva das ideias de vazio, ausência e desapareição, apontando para uma análise fílmica em que as imagens adquirem uma sobriedade formal extrema na abordagem das emoções.

Do Brasil são múltiplas as participações. Das Universidades Federais do Maranhão e de Goiás, Pablo Sérgio e Raimundo Martins constroem a partir da campanha *Sweetie* da ONG holandesa *Terre des Hommes*. Denunciam o fenómeno do turismo sexual por webcam - uma abordagem da pornografia via webcam -, sua relação com o voyeurismo, narcisismo e exibicionismo analisando o modo como espetáculo e vigilância se confundem na estrutura social global possibilitada na web. Sandra Regina Nunes do DIVERSITAS – Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos da Universidade de São Paulo, debate a experimentação de novas metodologias para o ensino da linguagem popular e culta, da narração pela palavra e pela imagem, decorrentes da sua pesquisa de pós-doutorado. Centra-se em fragmentos narrados da história de fotografias escolhidas pelos personagens principais do momento capturado por elas. Cláudia Moraes e José da Silva Ribeiro dão continuidade à pesquisa de pós-doutorado sobre as práticas de investigação e reflexões teóricas acerca do papel epistemológico da oralidade na história. Defendem a ideia de que na produção

da narrativa histórica é possível incorporar o audiovisual como ferramenta de registro da memória social e fonte de produção da narrativa historiográfica. Cristina Susigam dá continuidade a tese de doutoramento apresentada na Universidade Presbiteriana Mackenzie sobre *A sobrevivência das mulheres de Johannes Vermeer na arte contemporânea* discutindo procedimentos envolvidos no conceito de apropriação e relacionando-o com os vários diálogos que emergiram na cultura visual atual ao redor do pintor holandês. Clotilde Perez e Victor Aquino, da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, abordam o tema da estética do consumo a partir da ecologia publicitária. O estudo é decorrente da pesquisa empírica em andamento no Grupo de Estudos Semióticos em Comunicação, Cultura e Consumo e do Coletivo de Estudos de Estética e procura agregar pensamento crítico multidisciplinar ao estudo do consumo e à publicidade alicerçada em métodos baseados na semiótica e na etnografia.

De Portugal, especificamente do Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais - Grupo de Investigação Média e Mediações Culturais -, José da Silva Ribeiro apresenta contribuições para análise e avaliação de filmes etnográficos a partir de sua própria experiência de criação de roteiro de leitura para base de dados interativa sobre Imagens e Sonoridades das Migrações. Reúne, ainda, sua experiência na participação em júris dos Festivais de Filme Etnográfico e das propostas desenvolvidas na Sociedade Francesa de Antropologia Visual, na American Anthropological Association e dos antropólogos Bob White, Colette Piault e David MacDougall. O trabalho tem por objetivo colaborar para o debate agora presente na Associação Brasileira de Antropologia e que urge estender a outras disciplinas em que haja produção audiovisual. Considera-se necessário encontrar guias de análise e critérios para orientar estudantes e pesquisadores que pretendam incluir sua produção audiovisual em seus trabalhos ou currículos acadêmicos.

Por fim, Fernando Miranda, da Escuela Nacional de Bellas Artes da Universidad de la República do Uruguay, abordam questões da cultura visual na educação. Fernando Miranda estimula educadores e educadoras para uma atitude de resgate da cultura visual no cotidiano escolar – da pré-escola à Universidade, trazendo para o debate autores de referência como Nicholas Mirzoeff y Mieke Bal que focam a premência e importância dos estudos nesta área.

Neste terceiro ‘Dossiê Cultura Visual’ é clara a importância da cultura visual nos mais diversos domínios – educação, consumo, pesquisa, produção audiovisual, sociabilidades em redes tecnologicamente mediadas e apropriação de obras de arte. Emerge, ainda, a ideia de ligação entre a Cultura Visual e Sonora nas diversas abordagens do cinema presentes no dossiê, mas, também, nas referências à pesquisa etnográfica, à história oral e a métodos que, embora não explícitos, se podem referir como *Photo Voice* – métodos participativos desenvolvidos por Caroline Wang e Mary Ann Burris a partir de 1997. Nesses métodos, os participantes na pesquisa captam a realidade do cotidiano através da fotografia e a explicitam pela palavra (vozes) permitindo, assim, aumentar a possibilidade de captar suas percepções e experiências, mas, sobretudo, abrindo o campo de pesquisa para os verdadeiros “donos” dos dados. Questiona-se, assim, o papel do pesquisador.

Reconhece-se a tendência visualizante da cultura que a partir do século XIX está no projeto museístico e, posteriormente, a fotografia, o cinema e as tecnologias digitais expandem de forma definitiva. Esta tendência visualizante está presente na pesquisa etnográfica nos diversos campos abordados no dossiê. Da observação e da escrita sucedem-se a observação instrumentada pela fotografia, pelo cinema, pelo audiovisual e pelas tecnologias digitais. Constata-se que a partir de meados do século XX o som vai ganhando uma maior dimensão na pesquisa com a acessibilidade ao gravador de áudio. Este fato é reconhecido por pesquisadores de várias áreas como, por exemplo, Sidney Mintz e Oscar Lewis. Eles observam que, “pela primeira vez, graças ao gravador, indivíduos não especializados, incultos, ou mesmo iletrados, podem falar de si próprios e contar as suas experiências e as suas observações de uma forma não inibida, espontânea e natural” (citado por MORIN, 1980, p. 323). O mesmo constata Jack Goody que nos anos 1960 se surpreende com a vantagem do registro das vozes na pesquisa de campo. É, no entanto, com o advento do som síncrono no cinema que se opera a grande mudança epistemológica ao associar imagem e som, imagens e vozes e, conseqüentemente, a caminhada para narrativas polifônicas e a “totalidade de uma expressão em que se dizem ao mesmo tempo o gesto e a palavra, o movimento do corpo e o do discurso, o tempo e o espaço das relações sociais. Tornava-se cada vez mais difícil deixar falar uns enunciando

em seu nome a “verdade” dos outros” (PIAULT, 1982, p. 7).

Ella Shohat e Robert Stam propõem uma alternativa metodológica que está presente em alguns dos trabalhos apresentados neste dossiê, a de se falar menos de imagens e mais de “vozes” e “discursos”. Será que podemos hoje afirmar que só o espaço lógico da modernidade é predominantemente visual e o da pós-modernidade do vocal?

Nos trabalhos deste dossiê há projetos de pesquisa que envolvem a etnografia oral e a história oral, apresentando narrativas na primeira pessoa para podermos situar-nos nessa pós-modernidade. Uma alternativa metodológica à crítica de estereótipos e de distorções da mimesis seria não falar das imagens, mas de vozes e discursos. A expressão “estudos da imagem” ilude sintomaticamente a oralidade e o conceito de voz. Uma discussão mais matizada sobre a raça no cinema não incidirá tanto na adequação mimética individualizada referente à verdade sociológica ou histórica como na interação das vozes, discursos e perspectivas, incluindo aqueles que operam dentro da própria imagem. A tarefa do crítico seria chamar a atenção para o jogo das vozes culturais, não só aquelas que se escutam num “primeiro plano” auditivo, mas, também, as que o próprio texto distorce ou sufoca. A questão não é o pluralismo, mas a multivocalidade, um enfoque cujo objetivo seria cultivar a inclusão, incrementar as diferenças culturais, abolindo, de passagem, as desigualdades de origem social” (SHOHAT E STAM, 2001, p. 318).

Na perspectiva voyeurista ou de mixoscopia, referida no texto de Pablo Sérgio e Raimundo Martins, assim como outras formas de exposição imagética, como as obtidas por webcam ou nos sítios de pornografia (exposição do corpo) revelam relações de poder, de classe, gênero e etnia que marcam o turismo sexual via webcam denunciado por Terre des Hommes. São expectativas de veracidade que nutrimos em relação às imagens de webcam. Esta situação pode levar-nos, segundo os autores, à discussão das interações com imagens de corpos que menosprezam a ética em favor da estética ao explorar o desejo de controle e a auto estimulação subjetiva de prazeres.

Muitas outras questões se poderão depreender dos textos publicados neste dossiê. Destacamos estas – diversidade temática e perspectivas de ação, policentrismo e diferentes abordagens, cultura visual, vozes e sonoridades, multidisciplinaridade, educação - que pomos à considera-

ção dos leitores. Convidamos àqueles que nos prestigiam com sua leitura para debater e alargar outras questões que este dossiê investiga e suscita.

Goiânia/Montevidéu, maio de 2018.

Raimundo Martins
José da Silva Ribeiro
Fernando Miranda